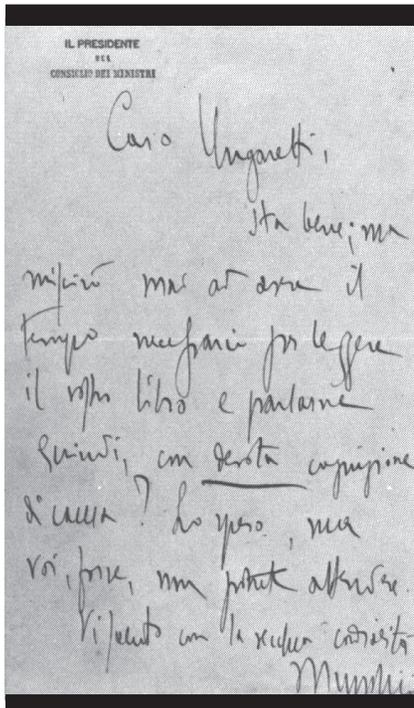
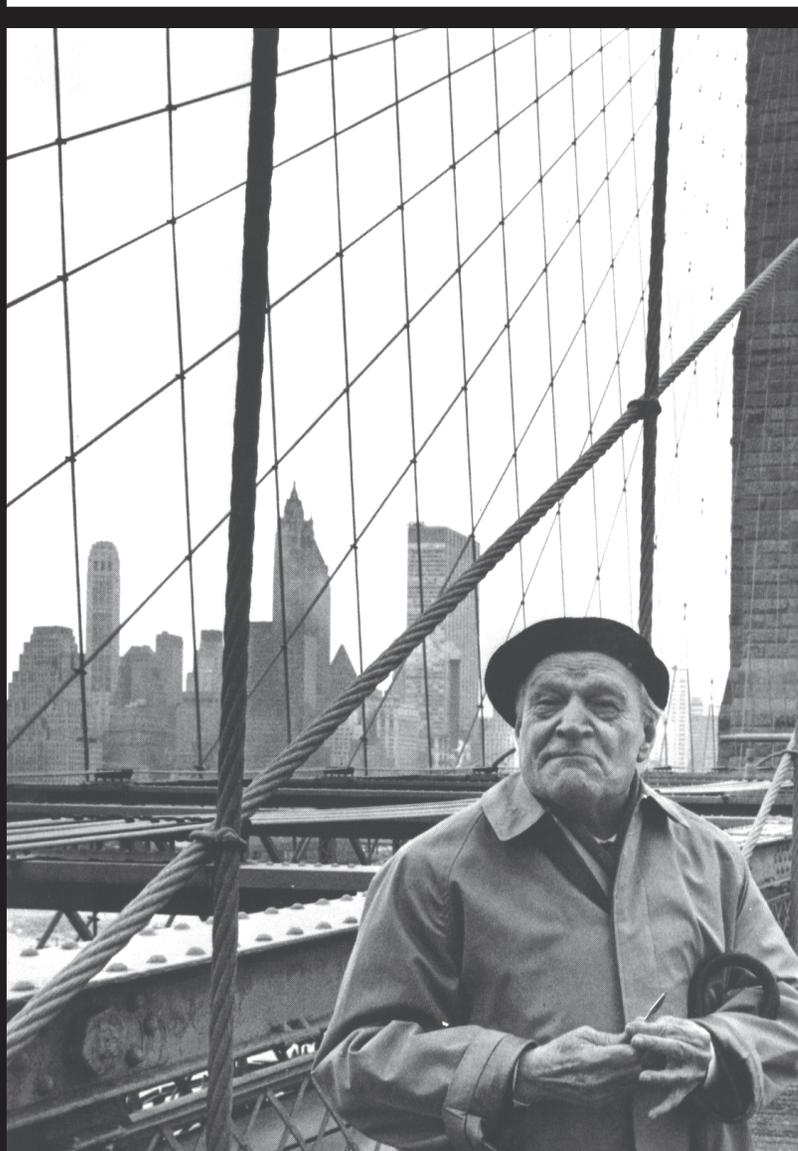


PIETRO MARIA BARDI



PIETRO MARIA BARDI foi fundador e diretor do Museu de Arte de São Paulo (MASP) e autor de várias publicações na área de Arte.

Ungaretti e o fascismo



APRESENTAÇÃO DE ANDREA LOMBARDI

O tema das relações entre o poeta italiano Giuseppe Ungaretti e o fascismo, mencionado neste texto de Pietro Maria Bardi, fundador e diretor do Museu de Arte de São Paulo, merece ser abordado, embora pouco ou nada possa contribuir para a análise de sua poesia. Este “caso Ungaretti” pode ser, de certa forma, comparado aos exemplos de Pound, Céline ou, na Itália, Marinetti e Pirandello, autores importantes que defenderam posições de extrema direita foram vinculados ao fascismo ou acusados de colaboracionismo. Trata-se de elementos biográficos irrelevantes para análise do valor estritamente literário e poético das obras, mas importantes para entender o contexto de produção dos próprios textos. Edoardo Sanguineti, talvez o maior poeta italiano vivo e também crítico renomado, em brilhante ensaio sobre Dante Alighieri, aponta os elementos abertamente reacionários em seu pensamento: o sonho do advento de um monarca universal, a saudade de uma Florença ordenada, pacífica e pudica, a condenação da usura, ou seja, do princípio do capitalismo (na época moderno e progressista): um Dante reacionário, viajando no mundo demonológico medieval, “dando as costas para o futuro”, poderíamos dizer, como na imagem do anjo da história descrito por Benjamin. Este Dante reacionário, sem dúvida presente em sua obra, não impede, pois, em nada, a apreciação de seu lado inovador, de grande arquiteto da língua italiana, de seu profundo realismo, algo, sem dúvida, muito progressista e produtivo. Deve-se acrescentar que, segundo muitos críticos, no caso de Ungaretti, seu valor como poeta está precisamente em sua posição anti-retórica, na ruptura radical com a tradição poética retórica italiana do início deste século. A poesia de Ungaretti de L’Allegria se contrapõe à velha retórica de um Gabriele D’Annunzio classicista e inclui uma crítica da nova retórica, que os futuristas irão trazer imbricada em seus elementos de novidade. A visão que tem Ungaretti da Primeira Guerra Mundial, da qual participou como soldado raso, é uma negação veemente da exaltação nacionalista da guerra presente em D’Annunzio e em Marinetti, fundador do futurismo. Em Ungaretti, a tensão é entre inocência e memória, como ele mesmo afirma. A procura de Ungaretti é propositalmente ingênua, uma busca cuidadosa de palavras nuas em sua aura “original”; a forma de apresentação é concisa, essencial e fragmentária. Essa visão está em seus versos, principalmente nos da primeira fase, como no poema “Fratelli”, em tradução de Haroldo de Campos.

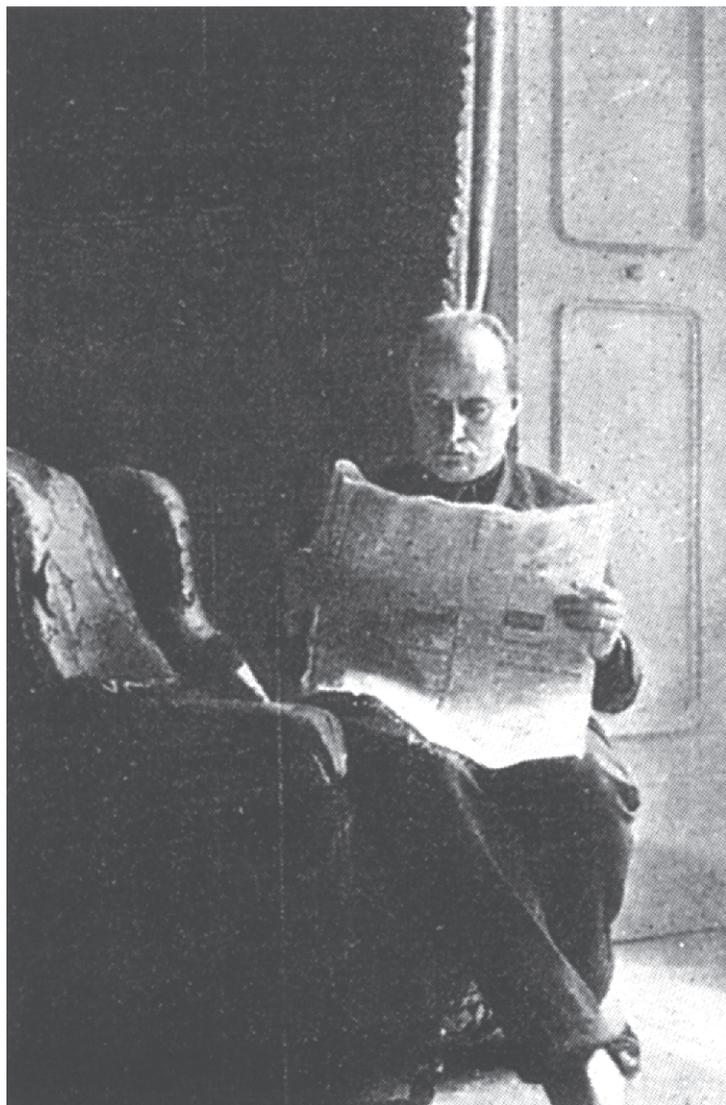
Ao lado, carta na qual Mussolini responde positivamente à solicitação feita por Ungaretti (abaixo) de um prefácio ao seu livro *Il Porto Sepulto* (no alto da página)

Ungaretti apoiou o fascismo declaradamente, desde a primeira hora. Ele participou do Congresso dos Intelectuais Fascistas (em 1925) e se engajou publicamente em defesa do regime. Isso não se pode negar e não é indiferente para avaliação do conjunto de sua produção (especialmente de alguns de seus ensaios, de seus textos mais políticos). Talvez o motivo para esta posição esteja no fato de ele ter nascido no exterior (em Alexandria, Egito) e ver no “Duce” a retomada de uma idéia de Pátria

que se vinculava à do Risorgimento, à época da unificação e independência italiana. Como afirma Bardi em seu texto, a ilusão de um novo Garibaldi seduzira a ele próprio e milhares de intelectuais. Seu apoio ao regime, porém, não lhe rendeu benefícios: até a véspera de sua vinda ao Brasil (de 1937 a 1942), para assumir a cátedra de Língua e Literatura Italiana na USP, Ungaretti viveu uma situação contraditória: reconhecido publicamente como um dos maiores poetas, vivia do salário (muito precário) de obscuro resenhista para um boletim de um ministério, nunca fora convidado (apesar de ter feito insistentes pedidos) a fazer parte da Academia Fascista de Letras (Accademia d'Italia) e vivia um cotidiano de tensão com o regime. Ungaretti era um iconoclasta, uma personalidade forte e incômoda para a ditadura, um grande orador (e gesticulador) e em muitas ocasiões manifestou em público suas posições igualmente críticas em relação ao fascismo e, depois, ao nazismo. Por isso foi efetivamente repreendido e chegou a ser preso.

“Durante o regime fascista” – confirma Ungaretti em carta a seu biógrafo Leone Piccioni – “fui preso muitas vezes, pois costumava gritar, naquela época, em

lugares públicos, em cafés ou nas ruas, que tudo aquilo que na Itália se fazia então era péssimo. Logo depois era posto em liberdade”. Na mesma carta Ungaretti negará veementemente sua adesão formal ao fascismo: “Nunca me filiei ao partido fascista”, diz ele e cita muitos atos de resistência ao fascismo ou de atividades de oposição ao fascismo: escondeu judeus em sua casa durante a ocupação alemã, ajudou intelectuais comunistas ou opositores ao fascismo, entre eles o poeta judeu Umberto Saba, perseguido em 1939 pelas leis raciais, posições estas que lhe foram reconhecidas após a Segunda Guerra Mundial, quando o poeta foi submetido a um julgamento por uma



Benito Mussolini
em seu
escritório

comissão de ética e plenamente absolvido. O historiador italiano Ruggero Zangrandi, num texto antológico para compreensão do fenômeno do fascismo (*Il Lungo Viaggio Attraverso il Fascismo*, p. 404), observa que existia um grupo particular de opositores ao fascismo, os defensores da “prática da piada”, ou seja, os que publicamente apoiavam o fascismo, embora o condenassem em círculos seletos e fizessem piadas sobre os governantes: “Eles publicavam seus livros, de prosa e poesia: de noite se encontravam e se ‘redimiam’ através da prática da fofoca, no Café Aragno...”, algo que o texto de Bardi confirma.

A postura certamente contraditória de Ungaretti em relação ao fascismo, com seu apoio público e suas críticas em círculos mais íntimos, leva a uma reflexão sobre o papel do fascismo na Itália, que foi muito mais do que um “parêntese na história da Itália” – como afirmou o filósofo Benedetto Croce. Embora tenha sido considerado um modelo para as ditaduras, inaugurando, a partir de 1925, a tradição na Europa inteira, e lhes tenha emprestado sua iconografia (as “camisas pretas” ou de outra cor, a saudação romana), o fascismo conseguiu um apoio interno considerável, talvez graças àqueles equívocos típicos das ditaduras: estabilidade da moeda, abolição (compulsória) da imigração, diminuição da criminalidade, pontualidade dos trens (!). O que não pode ser questionado, porém, é a imagem de unidade e de prestígio (precária) que emprestou à Itália (não foi Churchill que atribuiu papel de estadista a Mussolini?), um país na época pobre e provinciano e que tinha muitos complexos de inferioridade. Prova deste apoio maciço, particularmente dos intelectuais, foi o “juramento” de fidelidade ao regime fascista imposto em 1931 aos docentes universitários. De 1.250 professores catedráticos, só onze recusaram o apoio público e, com isso, renunciaram à sua carreira. Em 1936, com a proclamação do “império fascista” o apoio cresceu ainda mais, a ponto de induzir o próprio Croce a doar “ouro à Pátria”. Apesar de seus inúmeros crimes (a repressão violenta, a ocupação da Abissínia, da Grécia e da Albânia, a intervenção na Guerra Civil Espanhola ao lado do ditador Franco), o fascismo oferece o paradoxo de representar um regime militar que nasceu respeitando (inicialmente) a democracia parlamentar (em 1922) e que terminou graças a um “autogolpe” em 1943, quando o próprio “Gran Consiglio” do fascismo depôs e mandou prender Mussolini.

Como poeta, sem dúvida, Ungaretti está acima de qualquer suspeita. Certos aspectos da vida do homem Ungaretti, porém, podem ser suscetíveis de crítica e podem ser avaliados do ponto de vista da ética, como ocorre com tantos outros intelectuais italianos da época, pois sua posição pública de poeta respeitado e admirado lhe conferia uma grande influência. Zangrandi relembra em seu livro: “Às vezes os versos [de Ungaretti] nos consolavam, como evasão de tudo aquilo que nos sufocava. Justamente por isso, porém, era mais triste saber de suas responsabilidades e seu passado político, que ele mesmo reivindicava” (p. 380). Sua responsabilidade é principalmente como homem. E como homem, em sua vaidade, pagou um preço alto! Quando soube que o Nobel de poesia fora concedido em 1959 a Salvatore Quasimodo, poeta e seu rival. “Quasimodo está todo em Montale”, teria exclamado com desprezo, “e Montale está todo contido em Ungaretti”. Não há dúvida de que seu passado influenciara o júri de Estocolmo e impedira um reconhecimento que o Ungaretti poeta realmente merecia.

Quando de minha transferência provisória para o Brasil devido ao meu trabalho, depois modificada para permanência efetiva como organizador do Museu de Arte de São Paulo, uma das primeiras coisas que fiz foi tentar saber sobre a presença de dois italianos na nascente metrópole, Ernesto de Fiori e Giuseppe Ungaretti. O escultor tinha falecido aqui há poucos anos, o poeta tinha deixado uma lembrança extraordinária.

Passei a recolher notícias. Mas tudo, é importante notar, estava fechado na lembrança e no afeto de uma senhora à qual o Mestre tinha consagrado um amor que sua coleção de cartas delineia e que, a meu ver, testemunha o ânimo que cada um de nós admirava.

...

Tinha conhecido Ungaretti em Roma, nos anos 30, naquele Café Aragno, então círculo de todos que tinham algo a ver com as letras e as artes, como contou Amerigo Bartoli no seu, penso eu, retrato de uma Roma intelectual em plena agitação e dinamismo. Eu era, no entanto, um lombardo, um marginal por assim dizer, um pouco pela idade e também por ser novato na cidade. Tinha recebido de Mussolini, depois de fatos de pouco interesse, o encargo de criar a Galleria d'Arte di Roma. Inaugurei-a com uma exposição póstuma de Armando Spadini e depois com mostras de Mario Maffai, Scipione Bonichi, Fausto Pirandello e outros então desconhecidos jovens pintores, dando início a manifestações de um novo gênero como uma resenha estética sobre a aviação e uma exposição que causou alvoroço, cujo tema era a a Arquitetura Racio-

nal e os participantes do Miar (Movimento Italiano de Arquitetura Moderna). Este foi talvez o fato mais explosivo da época pois baseava a mostra na “Mesa dos Horrores”, uma fotomontagem na qual os edifícios dos arquitetos, ainda barrocos ou do estilo “romano modernizado”, então no auge, eram graciosamente aglomerados e misturados com papéis de chocolate, caricaturas e coisas assim. Tinha convidado Mussolini para a inauguração. Veio, escutou as razões da polêmica, deu à *Stefani* (agência noticiosa italiana) o nosso manifesto e levou o meu libreto “Relatório sobre a Arquitetura para Mussolini” publicado por Giuseppe Bottai e Gherardo Casini nas Edições de “Crítica Fascista”. O resultado da surpresa foi positivo. A partir daquela manhã o Racionalismo em Arquitetura não era mais de marca



O poeta numa
passeata em
Veneza, 1968

bolchevique como os conservadores, muito numerosos, pretendiam, obtendo a possibilidade de aparecer e ser útil.

•••

Conto o episódio também para tirar as ilusões do amontoado de vozes sonantes em torno da insensibilidade de Mussolini no que refere à assim chamada “arte moderna”. Tendo participado da mesma como simpatizante e, às vezes, como elemento atuante, posso dizer que todos tinham a mais ampla liberdade de expressão, porque o patrão pouco se preocupava com os cultores das tendências renovadoras no mortório academizante.

•••

A lembrança dos anos 30 vale para situar a figura de Giuseppe Ungaretti na Roma das artes, como se disse, concentrada em cordialidade e dissídios no Café Aragno. O poeta ali aparecia todos os dias. Alguns podiam ouvi-lo de perto, ao discutir e gesticular, alguns de longe quando o seu dizer passava para o gritar.

Caráter extremamente cordial, diria como os daqueles que ensinam, quase por assim dizer paterno. Quando nos concedia a oportunidade de acompanhá-lo à casa, a poucos passos, eram muitas as pausas para o seu relatar, evocar, celebrar.

Foi em uma dessas ocasiões que surgiu o relato que mais tarde se soube das lembranças de Savinio em que Ungaretti relatou que “Mussolini abriu a gaveta da escrivaninha, agarrou um maço de bilhetes e me entregou, ordenando que me vestisse e tomasse o primeiro trem para Paris”. O comentário era repleto de simpatia pelo diretor, ao que parece naquele tempo ainda sofrendo por tudo que lhe acontecera na Guer-

ra. Como tudo muda, também Mussolini mudou. Não tenho reservas em dizê-lo: era para nós jovens que, bem ou mal, tinham participado da (Primeira) Guerra, um ídolo, simbolizando quase o desejo, ingênuo como é fácil defini-lo hoje, da Itália continuar com um segundo Garibaldi. Sabe-se que depois, quando chegam as revisões, as contas são feitas com novos computadores. Por outro lado é difícil renegar ou trapeçar no jogo. Quem escreve, sempre por outro lado, quando dirigia com Massimo Bontempelli a revista *Quadrante*, viu-a ser suprimida por Mussolini porque publicava a seguinte notinha: “Nós apreciamos muito os jovens, menos aqueles que estudam para secretário do Partido”. Isto para dizer que não éramos carneiros amestrados.

•••

Ungaretti era um discutidor de fatos que não andavam perfeitamente como deviam. Mussolini o sabia e quando tratou de livrar-se do Poeta, enviado para esta San Paolo del Brasile, como professor de literatura italiana, foi talvez um alívio.

(1985)

Carta de
Ungaretti a
Mussolini, de
dezembro de
1922

Caro Mussolini,
Ricordo la lettera uscita.
Da 9 anni sero il mio
paese. L'ho scritto in trincea,
l'ho scritto all'estero, l'ho
scritto nella stampa e
al ministero.
Sono poeta, il mio valore è
noto. Non credo che si sia
nessun atto che dopo d'Annunzio,
possa starmi di fronte.